



## Melvil Dewey – entre o dito e o não dito: sujeito e historicidade do campo informacional<sup>1,2</sup>

*Melvil Dewey – between the said and the unsaid: the subject and the historicity of the informational field*

Lídia Silva de Freitas \*

Rosana Portugal Tavares de Moraes \*\*

### RESUMO

Constata que, apesar da ampla utilização da Classificação Decimal de Dewey (CDD), tanto em unidades de informação quanto no ensino de biblioteconomia no Brasil, pequena é a literatura disponível em português que trate das questões e limites culturais, políticos e científicos de suas aplicações. Ainda mais rara é a que busca analisar a historicidade desse instrumento e da trajetória intelectual de seu idealizador. Traz uma breve revisão de reflexões na literatura estrangeira de viés crítico e de busca da historicidade dos projetos de Melvil Dewey para a biblioteconomia norte-americana que terminou marcando a história da área no mundo. Busca compreender a abrangência e permanência histórica do uso da CDD. [Resumo\_Liinc]

**Palavras-chave:** Melvil Dewey; História; Biblioteconomia; História.

### ABSTRACT

Despite the wide use of the Dewey Decimal Classification (DDC), both in information institutions in general and in library courses in Brazil, there is very little literature available in Portuguese that addresses the cultural, political and scientific questions and limits of its applications. It is even rarer to find literature that seeks to analyze the historicity of this instrument, and of the intellectual trajectory of its idealizer. This paper brings a brief review of reflections of the foreign literature with critical bias that search the historicity of the projects of Melvil Dewey for the American librarianship that marked the field history worldwide. It also seeks to understand the historical coverage and permanence of the use of CDD system.

**Keywords:** Melvil Dewey; History; Librarianship; History.

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Agradecemos aos professores doutores Geni Chaves Fernandes e Vitor Manoel Marques da Fonseca as gentis e rigorosas leituras e sugestões a versões deste texto.

\* Doutora em Ciências da Comunicação, Área de Ciência da Informação, pela Universidade de São Paulo. Professora titular da Universidade Federal Fluminense. Endereço: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, UFF, Rua Tiradentes, 148, Ingá, CEP 24210-510, Niterói, RJ. Telefone: (21) 2629-9671. E-mail: lidiasilvade Freitas@gmail.com.

\*\* Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense. Endereço: Rua Tiradentes, 148, Ingá, CEP 24210-510, Niterói, RJ. Telefone: (21) 2629-9671. E-mail: rosanaportugal@id.uff.br

## INTRODUÇÃO

Todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito [que] não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um “jamais-dito” [...]. Não se trata de recusar definitivamente [essas formas prévias de continuidade], mas sacudir a quietude com a qual as aceitamos; mostrar que elas não se justificam por si mesmas; que são sempre o efeito de uma construção cujas regras devem ser conhecidas [...]. Trata-se, de fato, de arrancá-las de sua quase-evidência, de liberar os problemas que colocam (FOUCAULT, 2012, p. 28-29).

Em 1876, foi publicado o primeiro exemplar de um sistema de classificação que se tornaria o mais popular para organização de acervos bibliográficos, a Classificação Decimal de Dewey (CDD). Melville Louis Kossuth Dewey nasceu em 1851, de infância humilde na cidade de Adams Station, em Nova York, e tornou-se uma figura emblemática por sua eficiência. Adotou a forma simplificada de seu nome, Melvil Dewey, e assim ficou conhecido, entre admiradores e críticos, como o responsável pela moderna biblioteconomia (RAYWARD, 1968, p. 297).

Apesar da ampla utilização da CDD, tanto em unidades de informação quanto no ensino de biblioteconomia no Brasil, pequena é a literatura disponível em português que trate das questões e dos limites culturais, políticos e científicos de suas aplicações. Ainda mais rara é a que busca analisar a historicidade desse instrumento e da trajetória intelectual de seu idealizador, entendendo aqui por historicidade a qualidade da análise histórica que investigue as contingências, as forças e as condições de possibilidade da emergência de discursos, saberes, instituições, sujeitos etc. e suas articulações.

Em levantamento na Base de Dados de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci),<sup>3</sup> que cobre este segmento da literatura publicada no Brasil de 1972 até hoje, entre 28 artigos que tratam da CDD e de Dewey, encontramos seis trabalhos voltados para a análise histórica. Desses, apenas quatro apresentam reflexões histórico-críticas, buscando superar a neutralização do instrumento e/ou a mitologia do seu criador.

Nos encontros da Ancib,<sup>4</sup> cujos trabalhos apresentam resultados de pesquisas qualificadas, localizamos três estudos críticos sobre aspectos ideológico-discursivos da utilização da CDD: cultural, no sentido antropológico [étnico-religioso] (MIRANDA, 2007, 2011), quanto ao etnoconhecimento (FRANÇA; SILVEIRA, 2015) e no sentido político-cultural [cultura de paz] (RIZZI, 2007).

O primeiro trabalho analisa a (im)possibilidade de representação do etnoconhecimento de afrodescendentes na CDD 22; já o segundo texto analisa a produção do campo informacional que vem utilizando as concepções de etnoconhecimento e epistemografia, citando Miranda (2007) em sua análise crítica da CDD. O último trabalho demonstra como o termo “paz” é tratado na CDD com menor importância que o termo “guerra” e, em última análise, são apresentados como

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/>>. Acesso em: 6 jul. 2018. Busca nos campos título, resumo e palavra-chave.

<sup>4</sup> Levantamento no Repositório Enancib, que cobre o conjunto dos trabalhos apresentados nos Encontros da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação. Disponível em: <<http://repositorios.queesteemrede.uff.br/repositorios/>>. Acesso em: 6 jul. 2018.

sinônimos em diferentes edições, sugerindo, discursivamente, que a paz, ou a solução para conflitos, se dá pela guerra.

A carência no Brasil de publicações sobre o tema confronta a produção internacional do campo informacional, que apresenta corpo considerável de análises histórico-críticas da CDD, da inserção histórica de Dewey, e, mesmo para além desses focos, permite compreender e indica fatores relevantes para o entendimento da, ainda atual hoje, hegemonia de sua utilização. Apesar disso, Wiegand em 1998 (p.175) considerava poucos os trabalhos voltados criticamente para o tema, sublinhando o predomínio da literatura apologética. Rayward em 1968 (p. 297) também afirmou que na literatura a figura de Melvil Dewey é cercada de adulação e partidarismo, e advertiu que, para analisá-lo criticamente, seria necessário abandonar a simples contemplação das realizações e abordar o que ele realmente fez e como fez, o que não significa de forma alguma desmerecer sua obra, mas redefini-la perspectivamente.

A literatura estrangeira analisada neste estudo foi levantada em bases de dados internacionais<sup>5</sup> e é massivamente norte-americana. A seleção entre as referências recuperadas pautou-se pelo viés analítico – histórico-crítico – privilegiado. Igualmente foram analisadas, com base no mesmo critério, algumas das referências citadas por esses autores.

Longe do investimento em uma crítica anacrônica, que projetaria valores e anseios atuais sobre um momento histórico com as especificidades que buscamos apontar, ao contrário, almejamos aqui, através do reconhecimento dos fatores em jogo no traçado de políticas que ainda reverberam no pensamento e nas práticas do campo informacional, poder escolher o que na atualidade e com nossos valores pode e/ou deve ser mantido ou transformado.

Wayne A. Wiegand, importante pesquisador da história da biblioteconomia norte-americana e biógrafo de Dewey, indica em título de artigo de 1999 o risco que uma área disciplinar corre ao não investir na análise de sua historicidade: olhar para seu passado com “visão em túnel” e muitos “pontos cegos” (WIEGAND, 1999, p. 1).

Frohmann (1997, p. 2), em texto que analisa os feitos de Dewey, ressalta a importância de um movimento historiográfico crítico que, por meio de dados históricos, identifiquem e analisem as relações de poder entre as instituições sociais e as forças dominantes em ação. Indica, ainda, que “[...] as análises modernistas dos escritos de Dewey encobrem significativos conflitos para o controle dos recursos culturais e intelectuais no final do século XIX nos Estados Unidos”.

Assim, a proposta deste trabalho é trazer uma breve revisão de reflexões na literatura estrangeira de viés crítico e de busca da historicidade do momento social no qual Melvil Dewey implementou seus projetos para a biblioteconomia norte-americana, igualmente com a pretensão de compreender a amplitude e a longevidade de suas aplicações.

---

<sup>5</sup> Library and Information Science Abstracts (Lisa-ProQuest); Library Information Science & Technology Abstract with Full Text (Lista-Ebsco); e a base da International Society for Knowledge Organization (Isko) que indexa as principais publicações da área de organização do conhecimento: o *Knowledge Organization*, um periódico basilar sobre a temática; e os anais das conferências internacionais da Isko, reunidos com o título *Advances in knowledge organization*.

## MELVIL DEWEY, O MERCADO DOS LIVROS E AS BIBLIOTECAS: DO MONUMENTO CULTURAL AO CAPITAL INTELECTUAL<sup>6</sup>

Em 1870, Dewey iniciou seus estudos no Amherst College, em Massachusetts. Dois anos depois, com dificuldades financeiras, começou a trabalhar na biblioteca da faculdade como auxiliar e logo percebeu a complexidade do processo de ordenação dos livros e a falta de uniformidade entre as bibliotecas, cada uma com o seu próprio esquema de classificação. Em 1874, já graduado, foi promovido a *assistant college librarian* e se empenhou em pesquisar os esquemas classificatórios utilizados em outras bibliotecas. Por meio de visitas e conversas, conheceu seus catálogos, analisou suas construções e assim idealizou o seu esquema de classificação, o qual obteve ampla aceitação pelos usuários locais e alcançou destaque diante dos catálogos utilizados por outras bibliotecas da região (MIKSA, 1983).

Em 1876, Dewey publicou, de forma anônima, a primeira edição de *A classification and subject index for cataloging and arranging the books and pamphlets of a library*. Já em 1885, publicou, assumindo a autoria, a segunda edição, com um novo título: *Decimal classification and relative index*, o qual permaneceria até a décima sexta edição, em 1958. Desde então, tem sido publicada como *Dewey decimal classification* (PIEIDADE, 1983). Seu legado para a biblioteconomia, entre outras iniciativas, inclui: em 1876, auxiliou na criação e participou da primeira conferência da American Library Association (ALA), na qual apresentou seu sistema de classificação; ainda em 1876, foi um dos fundadores e editor, até 1881, do periódico *Library Journal*; em 1881, criou o primeiro curso com objetivo de formação educacional nas técnicas biblioteconômicas na Universidade de Columbia (FOSKETT, 1973). Todas estas realizações contribuíram para a propagação e aceitação do novo esquema (MIKSA, 1983; RAYWARD, 1968; FROHMANN, 1994, 1997; WIEGAND, 1998).

Ultrapassando a perspectiva individualista e idealista, vários autores apontam as condições de possibilidade que tornaram o terreno favorável às idealizações de Dewey, o que também contribuiu para desmistificar a figura de um homem reconhecido como enérgico, ativo e vigoroso, como se estas fossem as razões *per se* de sua ascendente carreira, conforme alertado por Miksa (1983, 1986) e Wiegand (1996).

Seu biógrafo, *Wiegand* (1996, 1998, 1999, 2001), e Francis L. Miksa (1983, 1986), com pesquisas e inúmeros artigos sobre aspectos históricos de importantes teóricos da classificação, consideram que o perfil empreendedor de Dewey seria típico de um homem de negócios e que isso favoreceu a divulgação do seu esquema, que logo começou a ser o preferido pelas bibliotecas (WIEGAND, 2001; MIKSA, 1983). Os propósitos de Dewey se mostravam alinhados com a cultura industrial, via ideologia do “progresso” – tão forte naquele momento –, sendo os objetivos culturais colocados em segundo plano. Sua obsessão por economia de tempo e trabalho o levava a impor aos que trabalhavam com ele o mesmo comportamento (WRIGHT, 2008; CASEY, 1981, p. 268)<sup>7</sup> Casey (1981) sublinha que a “eficiência” se tornou urgente na virada do século XIX para o XX, com um frenesi de organização, em “bases científicas”, que alcançava até a vida pessoal. Apesar de a obra de Dewey ter-se iniciado antes da contribuição de Frederick Taylor, esse tipo de cultura se assemelha

---

<sup>6</sup> Parafraseando Frohmann (1997).

<sup>7</sup> Certa vez chamou a atenção de sua secretária por lhe dar um bom dia, quando deveria estar concentrada no serviço (WRIGHT, 2008; CASEY, 1981, p. 268).

ao popularizado modelo de produção conhecido como taylorismo, ou administração científica: a ênfase estava na organização do trabalho e no cálculo da quantidade e controle de tempo de execução das tarefas, por meio de tabelas, gráficos, cronômetros e dados estatísticos (CASEY, 1981).<sup>8</sup>

Na época, os catálogos eram classificados e impressos em grandes blocos de folhas. Quando da chegada de novas obras no acervo, era necessária a inserção de notas ou o acréscimo de novas páginas para introdução dos novos assuntos, o que também implicava o folheio de muitas páginas na consulta do usuário (MIKSA, 1974, p. 50). Dewey idealizou o catálogo em fichas 7x12, com o qual bastava acrescentar uma ficha na ordenação alfabética. Os benefícios do catálogo classificado proporcionaram agilidade em um momento que a biblioteca se abria às grandes massas da população. O acervo passou a ser de livre acesso do público e o arranjo sistemático não só facilitava a busca pela obra como também permitia visualizar nas estantes as obras relacionadas por seus assuntos. Não há dúvida de que essas inovações representaram agilidade e facilidade nas buscas.

Wright (2008, p.174) afirma que Dewey via esse sistema de catálogos como uma grande máquina, já que “[...] o catálogo em fichas e os bibliotecários funcionariam como engrenagens distribuídas em um grande sistema nacional na concepção de Dewey”. E Rayward (1968) sublinha que a CDD era seu instrumento.

Dewey participou também na comercialização de materiais e equipamentos para bibliotecas e suas atividades, tais como caneta elétrica, máquinas de escrever, modelos de diferentes tipos de circulares, boletins e cartões. Tais materiais facilitariam a padronização dos serviços, garantindo a economia de recursos e tempo na seleção e catalogação dos livros para todas as bibliotecas (WIEGAND, 2001).

Frohmann (1994, 1997), após longa pesquisa e análise de viés construtivista social, conclui que a vigorosa vitória e permanência do sistema de organização do conhecimento de Dewey – como todas as dominâncias na ciência – não resultou de análise epistemológica de representação do mundo, mas de processos e negociações sociais – resultando, assim, de disputas políticas.

O sucesso da CDD não se deve à solução para problemas da organização do conhecimento de um campo epistemológico específico, nem à adequação representacional de sua organização conceitual, mas sim à implementação bem-sucedida de estratégias de negociação envolvendo a construção de uma rede social consistindo de muitos elementos heterogêneos (FROHMANN, 1994, p.110).

Tal rede, nessa análise, para além da nova classificação, se constituía da construção de instituições específicas de apoio, somadas ao estabelecimento de elos com formas dominantes de organizações sociais – incluindo, como veremos, a formação profissional bibliotecária.

No final do século XIX, os Estados Unidos viviam um período de intensa industrialização, impulsionada pela aplicação da tecnologia da máquina a vapor, do desenvolvimento da mineração, da construção de estradas de ferro e da expansão das linhas telegráficas. Segundo MIKSA (1983, p.53), cada um destes desenvolvimentos foi “re-revolucionado” pela introdução da eletricidade e pelo

---

<sup>8</sup> Taylor reconhece que a “loucura da eficiência” já estava em curso pelo menos dez anos antes do lançamento do seu livro *Princípios da organização científica* (CASEY, 1981, p. 266).

poder da combustão interna de motores. A produção de bens tinha deixado de ser colonial e demonstrava toda a força de uma sociedade burguesa industrial. Os feitos de Dewey aconteceram no período pós-guerra de Secessão (1861-1865), e exatamente nos estados do Norte estavam localizadas as bibliotecas envolvidas direta ou indiretamente na construção de seu sistema classificatório.

A biblioteca pública passa a desempenhar importante papel nesse cenário (SEN, 1976), juntamente com a alfabetização da população e o surgimento da escola pública que, com a crescente demanda de técnicos especializados, formam a base de apoio ao desenvolvimento tecnológico industrial.

Tauile (1981), analisando as dinâmicas informacionais articuladas a diferentes etapas históricas do capitalismo, indica que:

[...] a estrutura da universidade moderna e dos sistemas educacionais de massa que a precedem devem ser entendidos à luz das exigências de execução, concepção e decisão que serão feitas aos futuros trabalhadores, cientistas, administradores etc. envolvidos na produção social (TAUILE, 1981, p.97-98).

Essa análise ressalta algo bem diverso de uma empreitada “humanitária” democratizante do saber para a cidadania – a “fé bibliotecária” ou o “espírito da biblioteca”, conforme os discursos do período, ainda hoje repetidos como motivação das políticas da época.

Apesar do lema proposto pela ALA em 1879, “The best reading for the largest number at the least cost”<sup>9</sup>, segundo Wiegand (1999, p.4), na Conferência Anual de 1893, seus dirigentes mostravam muito mais preocupações com o “maior número” e o “menor custo”, do que com a “melhor leitura”. Um dos pontos indicados (WIEGAND, 1999, p.5) como base para sua afirmação foi o foco em matérias práticas e administração de bibliotecas, como evidenciava a publicação do *Handbook of library economy*.

## A FORMAÇÃO E O TRABALHO EM *LIBRARY ECONOMY*

Citamos em inglês a designação no campo de estudos do primeiro curso de formação em biblioteconomia porque no Brasil, um dos países que permanece utilizando a mesma noção em português – biblioteconomia –, poderíamos não atentar para a particularidade de seu uso naquele contexto.

O livro de Gabriel Naudé, *Conselhos para formar uma biblioteca*, lançado em 1627,<sup>10</sup> aparece na literatura como o primeiro uso da expressão (ORERA ORERA, 1995). Revel (2000, p. 222) esclarece que Naudé, com a obra, “buscava apresentar uma concepção pragmática do que se chamaria hoje de biblioteconomia” no bojo do papel da biblioteca central da literatura erudita diversificada e livre de preconceitos, no movimento intelectual conhecido como República das Letras. Tal sentido também é sublinhado por Jolly (2016).

Segundo Orera Orera (1995), somente dois séculos mais tarde o termo é retomado por Leopold Auguste Constantin Hesse, bibliógrafo, que o utiliza em sua obra: *Bibliothéconomie: instructions sur l'arrangement, la conservation et l'administration*

---

<sup>9</sup> A melhor leitura para o maior número pelo menor custo.

<sup>10</sup> Editado no Brasil pela Briquet de Lemos.

dês bibliothèques, de 1839. Buscando seu sentido, a autora afirma que, nessa obra, Hesse faz uma distinção entre biblioteconomia e bibliografia, dando destaque aos conhecimentos técnicos cobertos pela primeira.

O sentido aplicado, técnico-administrativo dos saberes sobre a biblioteca nos usos da expressão *library economy* é reproduzido por vários autores.

Hjørland (2006) apresenta o uso do termo para designar esta área na CDD.

A Classificação Decimal de Dewey (CDD) usou o termo “*library economy*” para a classe 19 em sua primeira edição de 1876. Na segunda edição (e todas as edições subsequentes), foi transferido para a classe 20. O termo “*library economy*” foi usado até (inclusive) a 14ª edição (1942). A partir da 15ª edição (1951), a classe 20 foi denominada *library science*, que foi usado até (e incluindo) a 17ª edição (1965) quando foi substituído por “*library and information science*” (LIS) da 18ª edição (1971) e seguintes (HJØRLAND, 2006, não paginado).

Os sentidos de *library economy* se modificam nos países que permanecem utilizando o termo, principalmente na forma *biblioteconomia*, como mostra Martínez-Arellano (2013). Hoje, seu uso se refere ao conjunto dos estudos, não se restringindo mais aos aspectos técnicos e gerenciais. Especialmente para esses países, como o Brasil, é importante resgatar o sentido da época.

Rayward (1968, p. 299) considera que, apesar de Dewey afirmar o contrário, a formação proposta para o bibliotecário em seu curso pioneiro mais o configurava – treinava – como técnico do que como profissional, tendo a CDD e seus índices como instrumento.

A ALA, após análise da “natureza do trabalho bibliotecário”, decidiu que os candidatos ao curso de *library economy* deveriam ter concluído a *high school*, sendo “o mais apropriado para um curso curto e puramente técnico” (CIRCULAR ALA, 1886 apud Rayward, 1968, p. 303). Rayward (1968) relata as afirmações de Dewey na conferência da ALA,<sup>11</sup> em 1883, ao apresentar a proposta de criação do curso explicitar que o mesmo não necessitava ser muito extenso – o foco seria a parte técnica de tratamento das obras. Em uma circular de 1886-1887,<sup>12</sup> declara que o curso

[...] limita-se estritamente ao seu trabalho peculiar e não faz nenhum esforço de proporcionar cultura geral ou suprir as deficiências da educação anterior [...] esta escola é um curso curto e puramente técnico, após o aluno ter completado a educação geral (DEWEY, 1937, p. 99 apud RAYWARD, 1968, p.299).

Na análise de Rayward, Dewey contornou a demonstração da necessidade dessa formação se dar em curso universitário, já que sua proposta não incluía a necessidade de pesquisa. O autor considera que a inserção na universidade, da forma realizada, deixou “algo faltando” na história da formação do bibliotecário e credita a isso o que

---

<sup>11</sup> Em Buffalo, Nova York, agosto de 1883 (CONFERENCE of librarians. The proceedings. *Library Journal* 8, p. 287, Sept.-Oct. 1883).

<sup>12</sup> O texto de Dewey citado por Rayward, publicado originalmente em 1887, foi republicado pela Columbia University, School of Library Service, School of Library Economy of Columbia College. 1887-1889 (*Documents for a history*. New York: The School, 1937).

chamou de “continuidade da ‘suspeita’ [da existência] de conteúdo acadêmico que justifique um curso universitário” (RAYWARD, 1968, p.311).

Wright (2008) analisa que, se de um lado o processo de padronização de Dewey possibilitou uma maior influência das bibliotecas na vida norte-americana – com economia de escala –, paradoxalmente também promoveu a redução do poder dos bibliotecários, reduzidos a engrenagens no grande sistema nacional por ele promovido.

Ao suplantando o julgamento imprevisível da subjetividade de bibliotecários com a lógica de um sistema centralmente administrado, as bibliotecas poderiam funcionar de maneira mais eficiente, expandindo seu alcance, cedendo parte de sua autonomia. Era uma proposta clássica de valor industrial, diretamente do chão de fábrica: reduzindo a autonomia individual a serviço do ideal maior da produtividade (WRIGHT, 2008, p.174).

Para o autor, tal herança exerceu influência negativa sobre a história subsequente dos bibliotecários norte-americanos – e não só aqueles, analisamos nós –, que lutam até hoje contra a excessiva burocratização e uma cultura de trabalho também excessivamente centrada em processos (WRIGHT, 2008, p.174).

Como vários autores citados, Wright (2008) indica que o encorajamento para o recrutamento de mulheres para a profissão se deu na perspectiva de que seriam “mais dóceis” à implementação de seu projeto, somado a fatores econômicos, já que as mulheres recebiam metade do salário pago aos homens exercendo a mesma função (GARRISON, 1977). Dessa forma, impulsionada por Dewey através do primeiro curso de biblioteconomia, idealizado por ele e oferecido na Universidade de Columbia a partir de 1887, houve a introdução da mão de obra feminina no mercado de trabalho no final do século XIX, sendo a biblioteca um dos primeiros campos de trabalho para mulheres nos Estados Unidos.<sup>13</sup>

O interesse nos aspectos técnicos da profissão em prejuízo dos teórico-culturais também é relatado por que um dos objetivos da criação do periódico *Library Journal* não era enfatizar a qualidade dos livros, mas os métodos que levariam a garantir a sua leitura. Harris (1975) afirma que tais mudanças levaram a biblioteca pública norte-americana ao distanciamento da teoria e das análises qualitativas, dada a exclusiva dedicação às técnicas operacionais e às análises quantitativas.

Mas a transição de foco e escopo na biblioteconomia norte-americana não se daria sem percalços, indicando, segundo alguns autores, as relações de força mais profundas envolvidas nos diferentes “modelos” de trabalho com bibliotecas e a transição nos usos sociais da informação registrada. Apesar do apoio da ALA a grande parte das iniciativas de Dewey, alguns setores considerados conservadores travaram longas disputas contra seus projetos.

Os bibliógrafos acadêmicos, representantes da alta cultura tradicional burguesa, que anteriormente predominavam nos postos de coordenação das bibliotecas, reagiram fortemente aos “novos imperativos de padronização, uniformidade, mecanização e eficiência”, não apenas pelo desafio à sua autoridade cultural para atribuição de assunto, mas às funções da moderna biblioteca pública e à consequente formação profissional para seu funcionamento – o “gerente de biblioteca” (FROHMANN, 1994,

---

<sup>13</sup> Sua relação profissional com as mulheres é abordada pela literatura como deselegante, por sua indiscrição e por não ter respeitado as convenções morais de seu tempo (BECK, 1996; GARRISON, 1977).

p.114). Palavras como *mercadoria*, *mercado*, *tecnologias* e *eficiência institucional* são representativas do poder dominante na gestão de bens culturais no final do século XIX. Segundo o mesmo autor, Mary Salome Cutler, William Fletcher, F. B. Perkins, Ralph Waldo Emerson e J. Schwartz foram algumas das vozes que se manifestaram contrariamente.

Em esclarecedor ensaio sobre essa disputa, apresentando o jogo argumentativo-discursivo travado entre Dewey e seus desafetos, Frohmann (1997) demonstra a dinâmica do que Wiegand (1999, p.4-5) chama ironicamente de declínio do tema “*best readings*” em prol da “*informação útil*” (p.20) e da supremacia dos temas “*largest number*” e “*least cost*”.

Apesar de partilharem do zelo com o controle da leitura das massas recém-letradas,

Os discursos da alta cultura e da tecnologia são antagônicos, seus conflitos são resultantes de disputas entre modos alternativos de organizar e regular as relações sociais mediadas pelos usos da informação. A tradição mais antiga e mais aristocrática falava sobre as relações sociais entre bibliotecário e leitor comum pela voz paternalista. A tradição inaugurada por Dewey fala na voz da gestão corporativa e burocrática do capital intelectual (FROHMANN, 1997, p.14).

Se durante seus primeiros anos, os presidentes da ALA hesitaram a aderir completamente à abordagem gerencial para as bibliotecas públicas, em 1907 sua direção encampou esse projeto, ainda que impopular entre muitos bibliotecários. E, entre 1912 e 1914, a ALA conduziu estudos para controle das atividades dos bibliotecários, inclusive com a cronometragem de tempos e movimentos (CASEY, 1981), confirmando a passagem da biblioteca de *monumento cultural* à *capital intelectual*, como retrata Frohmann (1997).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS – SOBRE A PERMANÊNCIA HISTÓRICA DA CDD

Nesta reflexão final, buscamos retomar os focos propostos: as possibilidades analíticas ofertadas pela busca da historicidade das produções de Dewey e suas articulações entre si e com outros fatores históricos, assim como as fontes da permanência de seus usos.

Frohmann, com o arcabouço analítico do construtivismo social, tenta demonstrar que a articulação histórica entre fatores ou elementos da vida social se dá como em uma rede heterogênea. Assim, trabalha uma concepção de “contexto” não encarado como uma “paisagem externa”, que “influenciaria” elementos “não contextuais”, mas em uma relação orgânica, de fatores mutuamente constitutivos (FROHMANN, 1994, p.110).

Abordando a CDD como artefato tecnocientífico, analisa:

Como os artefatos tecnocientíficos estabilizam e assumem sua forma final apenas como partes de redes socialmente construídas, a CDD não é adequadamente compreendida em termos de problemas abstratos e tecnocientíficos de organização do conhecimento, mas sim em termos de elementos heterogêneos específicos orquestrados com sucesso em um sistema social relativamente durável (FROHMANN, 1994, p.111).

Reconhecendo que a estabilidade ou não dos artefatos é função de efetivas transformações sociais de larga escala, Frohmann (1997) indica que a CDD, com adequações apenas temático-disciplinares, mantém seu pertencimento a redes econômicas, culturais e políticas mais amplas.

Deixando para o final a questão de fundo proposta por Frohmann (1997), podemos listar aspectos da estabilização que, no Brasil e em outros países, parecem decorrer da trajetória histórica da CDD e dos formatos dominantes na formação acadêmica dos bibliotecários.

Quanto ao primeiro, o predomínio dos aspectos técnicos em detrimento de teóricos, reconhecendo os esforços para a inserção de teorias na atual formação brasileira de bibliotecários, permanece certa escassez de abordagens que, ainda na graduação, situem e analisem historicamente o surgimento e o embasamento de algumas atividades técnicas da área. Hjørland (1998) considera que a produção científica no campo informacional é predominantemente direcionada pela técnica, pelo fazer – o que é compreensível –, mas pouco problematizada teoricamente. Segundo ele, a demanda por avaliação, planejamento e até mesmo por criação de políticas de informação mostra-se pouco relevante na literatura da área, apesar dos implementos tecnológicos e das práticas agilizadas pelo poder das máquinas. Mantém-se o imperativo técnico-prático associado ao tecnológico.<sup>14</sup>

A segunda percepção é o predomínio do gênero feminino no exercício profissional atual, algo bem visível nas salas de aula dos cursos de biblioteconomia. As origens dessa preferência remontam a um passado já distante, mas ainda são fortemente percebidas nos dias atuais (GARRISSON, 1977).

Uma terceira questão diz respeito à naturalização de divisão disciplinar do conhecimento ocidental – contingente historicamente – como a “única possível” ou como “a mais correta e precisa”. Essa divisão, cristalizada em tabelas de classificação “universais”, muitas vezes apresentada sem questionamentos nos currículos da formação profissional, vem se somar à experiência das divisões em disciplinas desde os primeiros anos escolares, o que contribui para sua naturalização.

Quanto às questões de fundo tocadas por Frohmann (1994 e 1997) – tal classificação permanece articulada produtivamente a fatores constitutivos da sociedade tecnocrática? Estes fatores permanecem os mesmos? O tipo de tecnocracia também? –, não pretendemos aqui tentar respondê-las. Porém, afirmamos vislumbrar nas próprias transformações nas redes heterogêneas de elementos e forças em jogo na produção, bem como nos usos sociais de documentos e informações, a configuração dos trajetos históricos e as regulagens do campo das práticas e dos estudos da informação – como tratado em Freitas (2003) em ensaio arqueológico foucaultiano. Tais transformações se deram principalmente nas áreas e nos serviços crescentemente especializados, altamente produtivos e com rápida circulação, tanto de registros quanto de capital. De tais dinâmicas, também impulsionadas por questões geopolíticas – de forma praticamente concomitante à dos países industrializados – se conformam os saberes e práticas da documentação e a subsequente emergência da ciência da informação, não por acaso paralelamente ao desenvolvimento da gestão de documentos arquivísticos.

Entretanto, mesmo no espaço preservado dos acervos generalistas, nos quais predomina o uso da CDD, sua “naturalidade” vem sendo crescentemente desafiada

---

<sup>14</sup> Para uma abordagem do tema, consultar Frohmann (1995).

no mundo e no Brasil. Nos trabalhos apresentados ao Enancib, encontramos resultados de pesquisa sobre diversidade social de variadas ordens, interna e reciprocamente, a análise das práticas coloniais e decoloniais, a proposta desclassificacionista da epistemografia etc.<sup>15</sup> Tais temáticas vêm crescendo na literatura, ainda que por vezes sem referência direta à CDD.

Não sabemos se, nem quando, tais investimentos reflexivos e novos valores poderão efetivamente modificar estruturas tão estabelecidas. Mas algo se move.

Artigo recebido em 09/07/2018 e aprovado em 05/10/2018.

## REFERÊNCIAS

BECK, C. A “private” grievance against Dewey. *American Libraries*, v. 27, n.1, p.62-64, Jan. 1996.

CASEY, M. Efficiency, taylorism, and libraries in progressive America. *The Journal of Library History* (1974-1987), v.16, n. 2, p.265-279, spring 1981.

FOSKETT, A. C. *A abordagem temática da informação*. São Paulo: Polígono, 1973.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FRANÇA, A. da S.; SILVEIRA, N. C. A representação do etnoconhecimento sob a ótica da epistemografia interativa. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, Recife. *Anais eletrônicos...* João Pessoa: UFPB, 2015.

FREITAS, L. S. Sentidos da história e história dos sentidos da ciência da informação: um esboço arqueológico. *Morpheus: revista eletrônica em ciências humanas*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, 2003.

FROHMANN, B. The social construction of knowledge organization: the case of Melvil Dewey. *Advances in Knowledge Organization*, v. 4, 1994.

\_\_\_\_\_. “Best books” and excited readers: discursive tensions in the writings of Melvil Dewey. *Libraries & Culture*, v. 32, n. 3, 1997.

\_\_\_\_\_. Taking information policy beyond information science: applying the actor network theory. In: ANNUAL CONFERENCE CANADIAN ASSOCIATION FOR INFORMATION SCIENCE, 23.,1995, Edmonton, Alberta, Canadá. *Anais...* [S. l.]: Canadian Association for Information Science, 1995.

GARRISON, D. The tender technicians: the feminization of public librarianship, 1876-1905. *Journal of Academic Librarianship*, mar. 1977.

HARRIS, M. The role of the public library in American life: a speculative essay. *Occasional Papers*, n. 117, 1975. Disponível em: <<https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/3863/gslisoccasionalpv0000i00117.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 6 fev 2016.

---

<sup>15</sup> Resultados encontrados através de levantamento em texto completo no BENANCIB: etnoconhecimento: 6 trabalhos; Epistemografia: 11; decolonial: 1. No campo referências, citação de García Gutierrez, importante crítico do etnocentrismo nas classificações: 35. Vários trabalhos se repetem nos elementos buscados.

HJØRLAND, B. Theory and metatheory of information science: a new interpretation. *Journal of Documentation*, v. 54, n. 5, 1998.

\_\_\_\_\_. Library economy. *Core concepts in library and information science*. 2006. Disponível em: <[http://www.iva.dk/bh/Core%20Concepts%20in%20LIS/articles%20a-z/library\\_economy.htm](http://www.iva.dk/bh/Core%20Concepts%20in%20LIS/articles%20a-z/library_economy.htm)>. Acesso em: 8 jul. 2018.

JOLLY, C. Manifesto da biblioteca erudita. In: NAUDÉ, Gabriel. *Conselhos para formar uma biblioteca*. Brasília: Briquet de Lemos, 2016. p.v-xix.

MARTÍNEZ-ARELLANO, F. F. What is library and information science (LIS) in Latin American Library schools. *Revue de l'Enssib*, n.1, 2013. Disponível em <<http://bbf.enssib.fr/revue-enssib/consulter/revue-2013-01-005>>. Acesso em: 8 jul. 2018.

MIKSA, F. *Charles Ammi Cutter: nineteenth-century systematizer of libraries*. 1974. Dissertação (Doctor of Philosophy) – The Faculty of the Graduate Library School, University of Chicago, Chicago, 1974.

\_\_\_\_\_. Melvil Dewey and the corporate ideal. In: STEVENSON, G.; KRAMER-GREENE, J. (Ed.). *Melvil Dewey: the man and the classification*. Albany, NY: Forest Press, 1983.

\_\_\_\_\_. Melvil Dewey: the professional educator and his heirs. *Library Trends*, winter, 1986. Disponível em: <[https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/7429/librarytrendsv34i3c\\_opt.pdf?sequence=1](https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/7429/librarytrendsv34i3c_opt.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 3 fev 2016.

MIRANDA, M. L. C. A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador, *Anais...* Salvador: Ancib, 2007. Disponível em: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/345/GT2--341.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 1 fev. 2016.

NAUDÉ, G. *Conselhos para formar uma biblioteca*. Brasília: Briquet de Lemos, 2016.

ORERA ORERA, L. Evolución histórica del concepto de biblioteconomía. *Revista General de Informacion y Documentación*, Madrid, v. 5, n. 2, p. 73-90, 1995. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/RGID/article/view/RGID9595220073A>> Acesso em: 8 jul. 2018.

PIECADE, M.A.R. *Introdução à teoria da classificação*. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

RAYWARD, W. B. Melvil Dewey and education for librarianship. *Journal of Library History*, v. 3, n. 4, 1968.

REVEL, J. Entre dois mundos: a biblioteca de Gabriel Naudé. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2000. p.217-224.

RIZZI, I. R. F. A classificação decimal de Dewey e a cultura de paz. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. *Anais...* Salvador: Ufba, 2007.

SEN, S. K. Looking back to Dewey's notation after hundred years. *Annals of Library and Information Studies (ALIS)*, v. 23, n. 4, 1976. Disponível em: <<http://nopr.niscair.res.in/bitstream/123456789/28163/1/ALIS%2023%284%29%20262-269.pdf>>. Acesso em: 5 Jan. 2016.

TAUILE, J. R. Uma introdução à economia política da informação. *Ensaíes FEE*, Porto Alegre, v. 2, n.2, 1981.

WIEGAND, W. A. Dewey declassified: a revelatory look at the “irrepressible reformer”. *American Libraries*, Jan. 1996.

\_\_\_\_\_. The “Amherst Method”: the origins of the Dewey decimal classification scheme. *Libraries & Culture*, v. 33, n. 2, 1998.

\_\_\_\_\_. Tunnel vision and blind spots: what the past tells us about the present reflections on the twenty-century history of American librarianship. *The Library Quarterly: information, community, policy*, v.69, n.1, p.1-32, Jan.1999.

\_\_\_\_\_. Dewey in Boston: 1876-1883. *Occasional Papers*, n. 212, 2001. Disponível em: <<https://www.ideals.illinois.edu/bitstream/handle/2142/3846/gslisoccasionalpv0000i00212.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 17 Jan. 2016.

WRIGHT, A. *Glut: mastering information through the ages*. Ithaca: Cornell University Press, 2008.